

# A FUNÇÃO PSÍQUICA DOS MITOS E CONTOS DE FADA NA PSICANÁLISE: UM ENCONTRO ENTRE INCONSCIENTE, LINGUAGEM E CULTURA

## THE PSYCHIC FUNCTION OF MYTHS AND FAIRY TALES IN PSYCHOANALYSIS: AN ENCOUNTER BETWEEN THE UNCONSCIOUS, LANGUAGE AND CULTURE

Rawy Chagas Ramos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe uma articulação entre a psicanálise e a mitologia, com ênfase na função simbólica dos mitos e dos contos de fadas no processo de constituição psíquica. A partir das contribuições de Freud, Jung, Lacan, Bruno Bettelheim e Marie-Louise von Franz, investiga-se como essas narrativas míticas e fabulares funcionam como dispositivos clínicos e culturais para a elaboração do inconsciente. O texto discute o mito como linguagem do inconsciente, analisa os contos de fadas como roteiros simbólicos da subjetividade, e examina a relevância dessas narrativas na prática clínica psicanalítica, especialmente com crianças. Abordam-se ainda conceitos como sombra, desejo, sublimação, identificação e projeção, ressaltando a potência terapêutica dos mitos e dos contos na

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR (2025). Mestre em Direito Canônico pelo Instituto Superior de Direito Canônico do Rio de Janeiro (2018). Pós-graduações: especialista em Aconselhamento e Psicologia Pastoral pela Faculdade Serra Geral – FSG (2023); em Docência em Teologia pela Faculdade Dom Alberto – FAVENI (2023); em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU (2023); e em Docência e Gestão da Educação a Distância pela Faculdade Focus (2023); em Psicanálise Clínica pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo – FAMEESP (2024). Graduado em Teologia pela Escola Teológica da Congregação Beneditina do Brasil (1998) e Bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana (2016). Formação em Psicanálise Clínica pelo Instituto de Estudos e Desenvolvimento Humano SUPERAH e pelo CETEP (Centro de Estudos de Terapia e Psicanálise). Terapeuta Holístico pelo Instituto Brasileiro de Terapia Holística (IBRATH) e Parapsicólogo pelo Centro Latino-Americano de Parapsicologia (CLAP). Membro do Conselho Internacional de Psicanálise e Terapias Integrativas (CONIPT). Capelão do Hospital Federal de Bonsucesso, Poeta, Músico. E-mail: rhawy-cr@gmail. com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8499444232725816> ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9677-7634>.



construção do self. Por fim, evidencia-se como essas estruturas narrativas favorecem a simbolização de conflitos psíquicos e contribuem para processos de individuação e transformação subjetiva.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Mitologia; Contos de fadas; Inconsciente; Simbolização.

**Abstract:** This article proposes an articulation between psychoanalysis and mythology, emphasizing the symbolic function of myths and fairy tales in the psychic constitution process. Based on the contributions of Freud, Jung, Lacan, Bruno Bettelheim, and Marie-Louise von Franz, it investigates how mythical and fable narratives operate as clinical and cultural tools for the elaboration of the unconscious. The text discusses myth as the language of the unconscious, analyzes fairy tales as symbolic scripts of subjectivity, and examines their relevance in psychoanalytic clinical practice, especially with children. Concepts such as shadow, desire, sublimation, identification, and projection are also addressed, highlighting the therapeutic potential of myths and tales in the construction of the self. Finally, it shows how these narrative structures promote the symbolization of psychic conflicts and contribute to individuation and subjective transformation processes.

**Keywords:** Psychoanalysis; Mythology; Fairy tales; Unconscious; Symbolization.

## INTRODUÇÃO

A relação entre mitologia, contos de fadas e psicanálise constitui uma das pontes mais fascinantes entre cultura e clínica. Desde os primórdios do pensamento humano, os mitos emergiram como uma resposta às angústias e aos mistérios da existência (Skinner, 1973; Salis, 2011).

Na modernidade, com Freud, essas narrativas ancestrais passaram a ser vistas como representações simbólicas de desejos, medos e conflitos inconscientes. O mesmo vale para os contos de fadas: antes de serem reduzidos a entretenimento infantil, circulavam como veículos de transmissão



de saberes emocionais profundos.

Este artigo propõe uma reflexão sobre o papel simbólico, terapêutico e clínico dos mitos e dos contos de fadas à luz da psicanálise em diálogo com Freud, Jung, Lacan, Hillman e outros autores.

Exploraremos como essas narrativas se articulam com o funcionamento psíquico e se tornam instrumentos privilegiados para compreender e tratar as experiências humanas mais primitivas e universais. Partiremos da concepção freudiana dos mitos como expressões do inconsciente, avançando para a visão arquetípica de Jung e os desdobramentos clínicos contemporâneos que envolvem a escuta simbólica dos discursos mitológicos e fabulares.

Nesse contexto, veremos como personagens como Édipo, Narciso, Hércules, Cinderela, Branca de Neve e Alice nos dizem muito mais sobre o humano do que aparentam à primeira vista. Mais do que histórias, são verdadeiros mapas simbólicos da subjetividade. A leitura psicanalítica dessas narrativas permite acessar o que há de mais recôndito no psiquismo: os fantasmas familiares, os interditos sociais, os ideais do ego e os traumas que moldam a existência.

## **O SIGNIFICADO PSICOLÓGICO DOS MITOS**

A compreensão do mito ultrapassa a mera análise literária ou histórica: ele ocupa um lugar central na constituição do sujeito, da cultura e do inconsciente. Desde as origens da humanidade, os mitos têm servido como dispositivos simbólicos de interpretação da realidade, expressão de conflitos internos e veículos de transmissão de valores coletivos. Na psicanálise, seu valor epistemológico e clínico ganha especial destaque ao serem considerados representações estruturadas do desejo, da angústia e da subjetividade (Azevedo, 2004).

Este capítulo visa explorar o significado psicológico dos mitos sob diferentes abordagens psicanalíticas. Através das contribuições de Freud, Jung e Lacan, pretende-se discutir como os mitos operam como forma de linguagem do inconsciente, oferecendo roteiros simbólicos que organizam a experiência humana. Freud compreende os mitos como narrativas que condensam as fantasias



inconscientes da humanidade; Jung os interpreta como manifestações dos arquétipos do inconsciente coletivo; Lacan os entende como estruturas significantes que articulam o sujeito ao desejo e à linguagem.

Dessa forma, o estudo do mito no campo da psicanálise não se limita à sua função cultural ou literária, mas se estende à clínica, à subjetividade e ao processo de simbolização. Reconhecê-los como operadores simbólicos fundamentais permite ampliar a escuta do analista, aprofundar a leitura do sofrimento psíquico e oferecer ao sujeito novos modos de inscrição de sua história.

### **O mito como linguagem do inconsciente**

Os mitos sempre foram formas de dizer o indizível. Representam, segundo Lévi-Strauss, mais do que histórias: são sistemas simbólicos que estruturam o pensamento humano, operando por analogia, oposição e substituição. Conforme afirma o autor, “o mito pensa-se a si mesmo na mente do homem” (Lévi-Strauss, 1985, p. 17). Eles emergem, assim, como uma linguagem do inconsciente, semelhante à dos sonhos, funcionando por mecanismos como condensação e deslocamento — os mesmos que Freud identificou no processo onírico.

Na psicanálise, eles ocupam um lugar privilegiado, pois dialogam diretamente com os processos inconscientes. Freud (1900/1996) chegou a dizer que “os mitos são os restos distorcidos das fantasias coletivas da humanidade” e, como tal, equivalem aos sonhos da coletividade, cristalizando angústias e desejos primitivos. Essas narrativas, na perspectiva analítica junguiana, que se repetem em diferentes culturas com algumas variações, abordam temas universais como a morte, o nascimento, o incesto, a luta entre o bem e o mal, do herói e, o processo de individuação.

Os mitos, ao contrário de explicações racionais, não buscam respostas exatas, mas dão forma simbólica ao caos psíquico (Azevedo, 2004a). Como linguagem do inconsciente, os mitos operam por condensação e deslocamento — mecanismos psíquicos que Freud identificou no sonho. Em outras palavras, o mito não diz, insinua; não explica, evoca; não narra a realidade, mas dá contorno ao



real impossível de ser apreendido diretamente. Sua função é dar forma simbólica ao caos interno, possibilitando o processamento de conteúdos arcaicos e pré-verbais.

Nesse sentido, como já sugeriu Jung (1917/2000), os mitos são “a linguagem mais antiga e mais universal da alma”. O valor do mito reside, portanto, em sua capacidade de traduzir o primitivo e o arcaico em imagens que a consciência pode elaborar. Ele funciona como uma ponte entre o tempo mítico — atemporal, cíclico e originário — e o tempo histórico do sujeito. Essa mediação simbólica é essencial para o psiquismo integrar conteúdos que, de outro modo, seriam traumáticos demais para suportar e evitar a clivagem ou a repetição compulsiva.

### **A perspectiva de Freud**

Sigmund Freud (1856-1939) foi pioneiro ao utilizar mitos como ferramentas conceituais. Seu uso do mito de Édipo, extraído da tragédia de Sófocles (429 a.C./2004), para descrever a estrutura fundamental do desejo humano é paradigmático. Para Freud, o Complexo de Édipo simboliza o dilema universal do desejo incestuoso e da rivalidade com o pai. Segundo o fundador da Psicanálise, “o Complexo de Édipo é o núcleo das neuroses” (Freud, 1900/1996, p. 297), representando uma condição universal da infância que, quando recalcada, estrutura o sujeito.

Ele também recorreu ao mito da horda primitiva para formular suas teorias sobre a origem da civilização, da culpa e da repressão — elementos centrais da cultura. Em obras como *Totem e Tabu* (1913/1996a), Freud interpreta mitos como uma tentativa de dar sentido às origens traumáticas da humanidade.

Nesse mito, os filhos assassinam o pai dominador que monopolizava as mulheres do grupo, instaurando o totem como figura simbólica do pai morto e criando interdições morais e sociais. Para ele, esse ato parricida marca o nascimento da culpa e do superego.

Freud afirma que “a moralidade nasceu da culpa e da identificação com o pai morto” (Freud, 1900/1996, p. 190), indicando que o mito fornece um modelo narrativo para trauma originário. Ele



vê no mito a tentativa de lidar com o recalque original e com as exigências do superego nascente. Por isso, afirmava que sua teoria das pulsões era nossa mitologia, ou seja, um modelo narrativo para organizar o que não é passível de representação direta.

Ademais, Freud usou o mito de Narciso para desenvolver o conceito de narcisismo, essencial para compreender a construção do ego. Em *Introdução ao narcisismo*, ele explora o papel desse estágio no desenvolvimento psíquico, afirmando que “o narcisismo é uma etapa intermediária entre o autoerotismo e o amor objetal” (Freud, 1914/1996b, p. 80).

Sua análise não se limita à mitologia clássica, estendendo-se à literatura e à arte. Também analisou e interpretou personagens como Fausto de Goethe, os sonhos de Gradiva e a tragédia de Hamlet, revelando a profundidade com que via a intersecção entre literatura, mito e psicanálise. Freud via essas narrativas como manifestações simbólicas dos mesmos conflitos que emergem na clínica, consolidando, assim, uma tradição psicanalítica que reconhece o mito como estrutura do desejo.

### **A visão de Jung e o inconsciente coletivo**

Enquanto Freud enfatizava o inconsciente individual, Carl Gustav Jung (1875-1961) propôs e introduziu a existência de um inconsciente coletivo: um reservatório comum de símbolos, transindividual de imagens e arquétipos compartilhados por toda a humanidade. Para ele, os mitos não são apenas expressões de desejos individuais, mas manifestações de estruturas psíquicas universais — os arquétipos. Ou seja, “o inconsciente coletivo não é uma aquisição pessoal, mas uma herança psíquica” (Jung, 1917/2000, p. 45). Os arquétipos são estruturas psíquicas universais que organizam a experiência humana e se manifestam nos mitos, sonhos e contos de fadas.

Entre os arquétipos fundamentais, Jung destaca o herói, a sombra, o sábio, a Grande Mãe, a criança divina, o trapaceiro e outros como figuras arquetípicas que surgem tanto nos mitos quanto nos sonhos. Eles representam aspectos estruturais da psique e aparecem simbolicamente tanto nos mitos culturais quanto nas produções oníricas individuais.



Isto é, essas figuras ajudam a psique a organizar suas experiências e orientar o processo de individuação, isto é, o itinerário do sujeito rumo à integração de suas diversas partes. Esses arquétipos não apenas refletem a experiência interior do sujeito, mas também funcionam como guias no processo de individuação — caminho pelo qual o ego reconhece e integra aspectos reprimidos ou não desenvolvidos do Self (Jung, 1917/2000).

O valor terapêutico dos mitos, na visão junguiana, em sua capacidade de oferecer modelos simbólicos para os dilemas existenciais. O mito não apenas revela o conflito, mas sugere um caminho de superação, uma solução simbólica que o inconsciente pode metabolizar. Por isso, para Jung, o trabalho analítico muitas vezes passa por identificar o mito pessoal que guia (ou bloqueia) a trajetória do paciente.

O próprio Jung afirmava que “os mitos são expressões espontâneas do inconsciente e representam tentativas naturais de elaborar os conteúdos que surgem da psique” (Jung, 1917/2000, p. 60). Assim, o analista pode, por meio da escuta simbólica, identificar os mitos pessoais que orientam (ou sabotam) a trajetória do analisando.

Para Jung, o trabalho analítico é, muitas vezes, uma releitura simbólica da narrativa psíquica do paciente. Ao reconhecer qual mito se repete em sua vida (como o do herói, da mãe devoradora ou do exílio) o sujeito adquire novos sentidos sobre seus conflitos, o que pode promover integração e transformação interior.

### **A abordagem de Lacan e o significante mítico**

Jacques Lacan (1901-1981), ao afirmar que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1964/1998, p. 489), traz uma nova leitura do mito na psicanálise: o mito não é apenas uma narrativa simbólica, mas um nó de significantes que articula o sujeito ao desejo e ao Outro e à cadeia significante na qual o sujeito se inscreve. Nessa perspectiva, o mito passa a ser compreendido como uma construção discursiva que organiza o lugar do sujeito na cadeia significante.



Lacan se vale de mitos — como os de Antígona, Édipo e Medusa — para ilustrar a estrutura trágica da falta, da castração e do desejo. A linguagem mítica, segundo ele, oferece um campo privilegiado para que o inconsciente se diga. Ele afirma que “o mito se oferece como estrutura simbólica que revela a verdade do desejo” (Lacan, 1998, p. 216).

Assim, o mito opera como uma metáfora que permite a inscrição do sujeito na linguagem e na cultura, expondo os impasses do desejo e da Lei simbólica. O mito não é apenas uma história antiga, mas uma narrativa que atravessa o sujeito sem que ele saiba.

Ao trabalhar com a noção de metáfora e metonímia — mecanismos da linguagem identificados também nos sonhos — Lacan evidencia que os mitos são condensações de sentidos que ajudam o sujeito a se posicionar diante do real. A metáfora mítica substitui, desloca e ressignifica conteúdos recalcados, funcionando como uma via de acesso ao Real. Segundo ele, “é pelo mito que o sujeito tenta dizer o indizível, o gozo que escapa à simbolização” (Lacan, 1964/1998, p. 320).

Na clínica, reconhecer a função mítica de certos enredos pessoais permite ao sujeito reinscrever sua história sob outra lógica, uma que não esteja marcada pela repetição, mas pela possibilidade de produzir novos sentidos. Assim, o mito deixa de ser apenas uma herança cultural e se torna uma ferramenta clínica que revela a posição do sujeito frente ao desejo do Outro, reinscrevendo sua história sob uma lógica menos repetitiva e mais aberta ao novo.

## **A ESTRUTURA NARRATIVA DOS CONTOS DE FADA**

Muito além de simples entretenimento ou ficções encantadas, os contos de fadas revelam-se como formas arquetípicas de expressão do inconsciente, contendo profundidade simbólica e potência psíquica inestimável. Suas narrativas atravessam gerações, culturas e contextos, preservando uma estrutura simbólica que permite ao sujeito — especialmente na infância — dar forma e sentido às experiências emocionais mais primitivas. Na tradição psicanalítica, autores como Bruno Bettelheim, Carl Jung e Marie-Louise von Franz dedicaram-se a compreender como esses relatos operam como



instrumentos de simbolização, espelhando e organizando os conflitos internos do sujeito.

Neste capítulo, pretende-se examinar os contos de fadas como dispositivos psíquicos que favorecem a elaboração de conteúdos inconscientes. Sua estrutura narrativa — marcada por perdas, desafios, figuras arquetípicas e resoluções — configura-se como metáfora do desenvolvimento emocional e da travessia psíquica do sujeito. O uso simbólico dessas histórias na clínica, especialmente com crianças, oferece ao analista meios de acessar o universo interno do analisando com sensibilidade e profundidade.

Além disso, serão exploradas as funções simbólicas das figuras narrativas, os mecanismos de identificação e projeção, e o papel organizador que os contos exercem no psiquismo infantil e adulto.

Ao serem interpretadas à luz da psicanálise, essas narrativas revelam-se mapas simbólicos da alma, capazes de integrar desejo, angústia, sombra e sublimação em um percurso transformador que ecoa nos caminhos da individuação e da construção subjetiva.

### **Simbolismo e metáforas no imaginário infantil**

Os contos de fadas, muito mais do que histórias encantadoras para crianças, carregam uma profundidade simbólica impressionante. Bruno Bettelheim (1903-1990), em sua obra clássica *A Psicanálise dos Contos de Fadas* (1976), mostrou que essas narrativas operam como verdadeiros mapas emocionais para as crianças em formação. Como afirma o autor, “o conto de fadas é uma dramatização simbólica dos conflitos intrapsíquicos” (Bettelheim, 2004, p. 13).

Cada personagem, cenário ou evento possui uma carga simbólica que espelha conflitos internos, fantasias inconscientes e desejos reprimidos. Bettelheim (2004, p. 23) explica que “as histórias oferecem soluções simbólicas para dilemas internos que, de outro modo, permaneceriam sem palavras”. Assim, os contos de fadas funcionam como pequenas psicanálises portáteis, adaptadas ao universo emocional infantil. As histórias são quase rituais que permitem reorganização psíquica frente às ansiedades profundas.



Contos como Cinderela, por exemplo, pode ser lida como uma metáfora da superação da inferioridade, da espera pela transformação interna e do reconhecimento do valor próprio. O sapato que só cabe nela não é apenas um elemento mágico: é o símbolo da singularidade do sujeito e da identidade verdadeira. Já a madrasta cruel representa o lado sombrio, obscuro da maternidade, a função materna que nega o acolhimento, trazendo à tona angústias de abandono e rejeição — a parte rejeitante, hostil e castrada da mãe arquetípica (Badinter,1985).

Da mesma forma, a floresta em Chapeuzinho Vermelho é o espaço do inconsciente, do desconhecido, onde se confronta o lobo – pulsão sexual, figura do desejo e dos medos infantis em torno da autonomia e do amadurecimento.

Segundo Marie-Louise von Franz (1985), “os contos de fadas são representações simbólicas da individuação”, funcionando como rituais de iniciação arquetípicos que auxiliam a criança a integrar conteúdos inconscientes de forma segura. A linguagem mágica, a repetição narrativa e os finais felizes não são apenas estéticos: cumprem função psíquica de contenção, ordenamento e projeção.

Com razão, os contos são didáticos no sentido simbólico, uma vez que ensinam a lidar com as perdas, com o tempo, com o amadurecimento e com a sexualidade de forma velada, sem que a criança precise compreender racionalmente aquilo que está sendo processado.

Portanto, o valor metafórico dos contos reside na capacidade de permitir que a criança simbolize o indizível e encontre os caminhos simbólicos para resolver os seus dilemas emocionais, sem a necessidade de compreender racionalmente aquilo que vivencia em seu mundo interno.

Visto que eles funcionam como narrativas iniciáticas, permitindo à criança representar simbolicamente seus conflitos e encontrar uma forma segura de elaborar suas angústias.

A linguagem mágica e a estrutura repetitiva oferecem segurança emocional, enquanto os finais felizes indicam que é possível superar os desafios internos e alcançar uma forma de equilíbrio.



## Função terapêutica e organizadora

Na clínica psicanalítica, especialmente com crianças, os contos de fadas têm um lugar especial. Eles atuam como mediadores simbólicos entre o mundo interno da criança e a realidade externa, permitindo que a fantasia seja o meio pelo qual se elaboram conflitos inconscientes. Como afirma Bruno Bettelheim (2004, p. 12), “o conto de fadas oferece à criança ideias sobre como lidar com problemas universais da experiência humana”, funcionando como uma via de metabolização emocional segura e lúdica.

A identificação com heróis e heroínas, o enfrentamento de monstros ou madrastas, a travessia de florestas ou castelos encantados — tudo isso constitui roteiros simbólicos que reproduzem as fases da constituição psíquica. Os contos fornecem estruturas narrativas com início, desenvolvimento e resolução, conferindo organização e sentido ao caos emocional. Segundo Von Franz (1985, p. 27), essas histórias ajudam a alma “a se organizar em meio ao sofrimento e à incerteza”, favorecendo o processo de individuação.

Frequentemente, na prática clínica, percebe-se que a criança escolhe repetir determinados contos. Essa repetição não é aleatória: revela a insistência de um conteúdo psíquico em busca de elaboração. A figura da fada madrinha, do dragão, do espelho mágico ou do príncipe encantado são, em essência, figuras arquetípicas que representam funções psíquicas (como a esperança, o desejo, a censura ou o ideal do ego).

Hillman (1984, p. 19) destaca que “a alma fala por imagens — e os contos são essas imagens”, e é, por isso, que os contos de fadas são tão eficazes na clínica: eles acessam diretamente o imaginário, sem atravessar as defesas do ego de forma invasiva. A contação de histórias, o brincar simbólico ou o desenho tornam-se dispositivos terapêuticos sensíveis na clínica, permitindo uma escuta analítica que respeita a linguagem da fantasia e favorece a ressignificação dos conflitos internos da criança.

Ao trabalhar com esses elementos em sessões terapêuticas — seja através da contação de histórias, do desenho ou do brincar simbólico — o analista pode acessar conteúdos inconscientes de



forma menos invasiva. Isso permite a construção de uma escuta mais sensível e respeitosa às defesas da criança, ao mesmo tempo que oferece possibilidades de ressignificação dos seus conflitos internos de uma forma mais natural.

### **Interpretação arquetípica dos personagens**

Cada personagem de um conto de fadas tem uma função psíquica específica. Na leitura junguiana, essas figuras são manifestações de arquétipos universais que estruturam a psique humana. O herói, a bruxa, o rei, o dragão, a madrasta ou a princesa não são apenas papéis narrativos — são expressões simbólicas de partes do self. Jung (1917/2000, p. 72) explica que, “o arquétipo é como um leito de rio por onde a psique humana flui desde tempos imemoriais”.

O herói, por exemplo, representa o ego em seu itinerário de individuação, rumo à integração do Self. Enfrentar o dragão é encarar os medos mais profundos, lutar contra as forças inconscientes hostis, como os medos, as pulsões destrutivas ou os complexos não elaborados. A madrasta cruel encarna a figura clássica da sombra — a parte negada, tudo aquilo que é reprimido, rejeitado, odiado e projetado do psiquismo. Já a princesa adormecida é a Anima (o feminino inconsciente), que precisa ser despertada pelo contato com o outro, o Animus (masculino inconsciente) simbolizado pelo príncipe salvador (Jung, 1917/2000; Franz, 1990).

Ao interpretar os personagens desta forma, percebe-se que os contos não são simples histórias, mas verdadeiros roteiros simbólicos da travessia psíquica. Não são apenas histórias encantadas, mas mapas da alma que indicam o caminho da separação, da provação, da superação do sofrimento e da conquista de uma identidade psíquica mais integrada. Von Franz (1990, p. 35) destaca que “os contos são projeções simbólicas de processos de transformação da psique humana”, especialmente quando acessados em contextos clínicos. Enfim, eles apontam para o crescimento, para a necessidade de separação, para a travessia do sofrimento e para a conquista de uma identidade própria.

Na clínica, essa interpretação arquetípica ajuda o psicanalista a compreender o universo



simbólico do analisando. A forma como uma criança ou adulto se relaciona com certos personagens pode revelar muito sobre suas identificações, seus traumas e seus desejos inconscientes.

Outrossim, na escuta analítica, a forma como crianças ou adultos se identificam com certos personagens permite ao psicanalista compreender traumas, defesas e desejos inconscientes. Trabalhar com essas figuras arquetípicas amplia a escuta do simbólico e abre espaço para um trabalho de elaboração profunda que favorece o desenvolvimento emocional e a reintegração psíquica.

## **MITOLOGIA GREGA E A TEORIA FREUDIANA**

Desde seus primeiros escritos, Sigmund Freud recorreu à mitologia grega (Brandão, 1986) como matriz simbólica para a formulação de seus conceitos fundamentais, relação esta que este capítulo discute ao examinar como os principais mitos por ele utilizados (Édipo, Narciso e a horda primitiva) estruturam as bases de sua teoria psicanalítica sobre a subjetividade.

Para Freud, esses mitos não são meras ficções, mas expressões simbólicas de conflitos universais e inconscientes que atravessam todos os indivíduos, fornecendo-lhe não apenas imagens poderosas, mas verdadeiras estruturas conceituais para pensar a constituição do sujeito, a emergência do desejo, a interdição, a formação do superego e o mal-estar na civilização. Ao explorar tais narrativas sob uma ótica psicanalítica, compreende-se como a mitologia se converte em ferramenta clínica, capaz de simbolizar o desejo, a culpa, a interdição e os impasses da vida psíquica.

Além de Freud, serão consideradas releituras contemporâneas como as de Jacques Lacan e outros autores, que ampliaram o entendimento desses mitos em chave clínica e linguística (Tavares, 2016). Com isso, busca-se demonstrar que a mitologia continua sendo um campo fértil para a compreensão das estruturas inconscientes e que seus enredos arcaicos permanecem vivos na prática psicanalítica, funcionando como mediadores entre o sujeito, o desejo e a cultura.



## O Complexo de Édipo e o destino psíquico

Sigmund Freud considerava o mito de Édipo como uma narrativa fundante da psique humana, ilustrando o conflito entre desejo e lei. Segundo ele, “nenhum outro complexo é tão importante quanto o Complexo de Édipo” (Freud, 1900/1996, p. 299). É por meio desse mito que Freud estrutura a relação entre pulsão, recalque, culpa e constituição do superego. Como observa Ávila (2005), a mitologia grega forneceu a Freud uma matriz simbólica potente para modelar os pilares de sua teoria: a pulsão, a interdição, a culpa e o surgimento da moralidade, da formação do superego.

O Complexo de Édipo descreve o conflito entre o desejo pelo genitor do sexo oposto e a rivalidade com o genitor do mesmo sexo, algo que ocorre entre os três e cinco anos de idade. Embora o desejo incestuoso seja recalcado, ele deixa marcas estruturantes na formação do sujeito e em suas escolhas objetais futuras. No mito, Édipo mata o pai e casa-se com a mãe, sem saber sua verdadeira identidade. Quando descobre a verdade, o horror do reconhecimento leva-o à punição de si mesmo — uma imagem trágica do destino humano marcado pela ignorância do desejo e pela força da culpa.

No mito, Édipo mata seu pai sem saber que é seu pai e casa-se com sua mãe, ignorando seu parentesco. Só mais tarde descobre a verdade, o que o leva ao desespero e à punição autoimposta. Para Freud, essa trama expressa a representação simbólica do desejo inconsciente que habita todos nós e que precisa ser renegociado para que possamos assumir nossa posição no mundo simbólico. Ele afirma que “o mito de Édipo [...] realiza a fantasia infantil do sujeito” (Freud, 1913/1996a, p. 301).

O Édipo é mais do que um episódio infantil: ele é o ponto de articulação entre o desejo e a lei. A interdição do incesto é o primeiro “não” que o sujeito encontra — uma barreira necessária que organiza o desejo e possibilita a entrada no mundo da cultura e da linguagem (Souza & Rocha, 2009). Esse processo é fundamental para a constituição do superego e para o desenvolvimento da subjetividade.

Na clínica psicanalítica, muitos sintomas, angústias e repetições remetem à forma como o sujeito atravessou (ou não) a experiência edípica. Escolhas amorosas, padrões de sofrimento e



modos de relação com a autoridade estão profundamente marcados por esse complexo. Trabalhar simbolicamente esse conteúdo — inclusive recorrendo ao mito — pode favorecer a elaboração de conflitos estruturais e impulsionar processos de transformação subjetiva.

### **Narciso e a construção do ego**

O mito de Narciso é uma poderosa metáfora da constituição do ego e da relação do sujeito consigo mesmo. Segundo a versão mais conhecida, Narciso era tão belo que todos se apaixonavam por ele — inclusive ele próprio, ao ver seu reflexo na água. Incapaz de amar o outro, ele morre afogado em sua própria imagem. Para a psicanálise, essa narrativa revela o funcionamento do narcisismo primário e secundário.

Freud utilizou o mito de Narciso para desenvolver o conceito de narcisismo, um estágio onde o sujeito investe sua libido no próprio ego. No narcisismo primário, esse investimento é natural e necessário para a constituição do eu. Ele escreve: “chamamos de narcisismo o investimento libidinal feito no próprio eu” (Freud, 1914/1996b, p. 78). Já no narcisismo secundário, ocorre um retorno da libido ao ego, o que pode resultar em quadros clínicos como melancolia, depressão, grandiosidade, retraimentos afetivos ou os transtornos narcisistas.

Lacan também se apropriou do mito, em uma releitura associando o espelho de Narciso à sua teoria do Estádio do Espelho. Nesse momento, o sujeito ao reconhecer sua imagem refletida, identifica-se com uma totalidade ilusória que contrasta com sua experiência real de fragmentação corporal. Esse momento fundante marca o surgimento do “eu” como construção imaginária: é uma formação enganosa que se constitui a partir de uma imagem exterior” (Lacan, 1964/1998, p. 97). Assim, o sujeito passa a depender do olhar do Outro para se reconhecer, o que inaugura uma alienação estrutural.

Na clínica, os conteúdos e questões narcisistas aparecem na busca por reconhecimento, aprovação, medo do abandono ou rejeição, na idealização de si ou na negação da falta, hipervalorização



do eu ou recusa da castração simbólica. Como destaca Vianna (2014, p. 5), o mito de Narciso permite acessar “a dimensão do espelho como espaço de constituição e prisão do sujeito”. A escuta clínica dessa dinâmica é essencial para compreender distúrbios da autoimagem e da autoestima, e para promover deslocamentos simbólicos que favoreçam uma relação mais integrada com o próprio desejo e com a alteridade.

Compreender, enfim, a função psíquica do mito de Narciso permite acessar esse campo delicado da constituição do sujeito, possibilitando intervenções mais precisas e profundas sobre a imagem que ele construiu de si e sobre como lida com sua alteridade. Enfim, a leitura clínica desse mito é essencial para compreender distúrbios da autoimagem e da autoestima.

### **Horda primitiva e o mito da origem social**

Freud utiliza o mito da horda primitiva para pensar as origens simbólicas da moralidade, da lei e do superego — pilares da constituição do sujeito na cultura. Em *Totem e Tabu*, ele propõe uma narrativa fundadora da civilização ocidental: um pai primordial monopoliza todas as mulheres da tribo e impede os filhos de exercerem seus desejos sexuais. Tomados pelo ódio e pela inveja, os filhos se unem, matam o pai e o devoram. Arrependidos, estabelecem leis que proibem o incesto e o parricídio, instaurando o totem como símbolo do pai morto (Freud, 1913/1996a, p. 174).

Esse mito, para Freud, tem valor científico: trata-se uma narrativa simbólica das origens da cultura, da moral e da religião. O “crime primordial” daria origem ao superego, entendido como a internalização do pai morto, agora transformado em instância moral. Freud afirma: “a cultura humana foi edificada sobre o assassinato do pai” (Freud, 1900/1996, p. 180), sugerindo que toda ordem social repousa sobre a repressão do desejo original.

Apesar das críticas à veracidade histórica da horda primitiva, a ideia permanece potente enquanto metáfora psicanalítica. Ela permite compreender como o sujeito é atravessado por interdições e culpa desde o início de sua formação psíquica. Como aponta Winograd e Mendes (2012, p. 231), esse



mito funciona como “um dispositivo narrativo que tematiza a tensão entre pulsão e cultura, desejo e interdição”.

No campo clínico, esse mito ajuda a compreender dinâmicas familiares, especialmente aquelas marcadas por rivalidades fraternas, idealização paterna ou sentimento de culpa difusa. Também permite pensar o mal-estar na cultura como uma repetição da tensão entre desejo individual e lei social.

Assim, a horda primitiva continua viva nos conflitos éticos, morais e psíquicos do sujeito contemporâneo, não como passado arqueológico, mas como estrutura simbólica que se inscreve na subjetividade.

## **CONTOS DE FADA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA**

Os contos de fadas, há muito tempo integrados ao imaginário cultural ocidental, também conquistaram um lugar significativo na escuta psicanalítica. Longe de serem apenas histórias infantis, essas narrativas operam como expressões simbólicas de conflitos inconscientes, oferecendo metáforas profundas para angústias, desejos, medos e transformações subjetivas. A linguagem mágica, os personagens arquetípicos e a estrutura ritualizada dos contos constituem dispositivos que possibilitam à psique projetar e organizar seus conteúdos internos.

Este capítulo visa analisar o uso clínico dos contos de fadas na psicanálise, sobretudo em contextos que envolvem crianças, mas não restrito a elas. Serão discutidos aspectos como a função simbólica das histórias, a presença da sombra, a trajetória do desejo, os processos de sublimação e os mecanismos de identificação e projeção presentes nessas narrativas. Autores como Bruno Bettelheim, Marie-Louise von Franz, Carl Gustav Jung e Freud servirão de base teórica para compreender como essas estruturas narrativas auxiliam na elaboração psíquica.

Ao mobilizar elementos do inconsciente coletivo e individual, os contos permitem que o sujeito reorganize sua experiência emocional, ressignifique traumas e desenvolva novas formas de



simbolização.

Na clínica, essas histórias se transformam em instrumentos de escuta e intervenção, oferecendo ao analisando — especialmente às crianças — recursos lúdicos e profundos para lidar com o sofrimento. A análise simbólica de personagens como Branca de Neve, Cinderela e Alice ilustra como tais narrativas podem facilitar processos de transformação, integração e amadurecimento psíquico.

### **Branca de Neve, Cinderela, Alice: análise simbólica**

Os contos de fadas constituem um terreno privilegiado para a escuta psicanalítica, uma vez que dão forma simbólica a conteúdos inconscientes profundos por meio de imagens e narrativas acessíveis com suavidade e ludicidade, mas com conteúdos profundos. Como explica Bettelheim (2002, p. 11), “os contos de fadas lidam com dilemas humanos universais, particularmente aqueles que ocupam a mente da criança”. São histórias que falam diretamente à psique infantil, utilizando metáforas que ressoam com os medos, desejos e fantasias do sujeito em formação.

Em Branca de Neve, por exemplo, ela pode ser vista como a encarnação simbólica do feminino em formação e processo de amadurecimento. A madrasta invejosa representa o superego persecutório — uma instância interna que condena o desejo e impõe ideais inatingíveis de beleza e perfeição. Segundo Von Franz (1990), essas figuras hostis simbolizam “o lado sombrio da função materna” (p. 44), elemento fundamental na formação da identidade feminina.

Os sete anões representam diferentes aspectos da personalidade infantil, e o espelho mágico é a voz do Ideal do Eu. A maçã envenenada é símbolo da pulsão de morte, disfarçada de prazer. O sono profundo de Branca de Neve simboliza o recalque e a suspensão da atividade pulsional, e o príncipe que a desperta encarna o retorno do desejo e a possibilidade de integração entre consciente e inconsciente.

Cinderela, por sua vez, representa o desejo de reconhecimento, autoestima e transformação.



A madrasta e as irmãs refletem rivalidades internas e pressões sociais, enquanto a fada madrinha encarna a presença cuidadora do feminino positivo. O baile é o espaço simbólico do desejo realizado, e o sapatinho perdido — símbolo da singularidade — representa a identidade verdadeira que só o Outro pode reconhecer. Como afirma Bettelheim (2002), “o pequeno sapato que só se ajusta ao pé de Cinderela indica sua exclusividade e autenticidade” (p. 234).

Já Alice no País das Maravilhas oferece um mergulho no mundo onírico do inconsciente. A queda no buraco, a mudança de tamanho e o crescimento súbito, os encontros com criaturas absurdas, personagens ilógicos — tudo remete aos mecanismos oníricos de condensação, deslocamento e às distorções do desejo. Alice representa o sujeito diante do enigma do desejo, tentando encontrar sentido em um mundo que escapa à lógica racional.

Esses contos, quando trabalhados na clínica, funcionam como dispositivos simbólicos que facilitam a elaboração de conflitos, de traumas, a simbolização de angústias, a ressignificação de traumas e a construção de narrativas mais integradas e saudáveis do self. Como destaca Marie-Louise Von Franz (1990, p. 22), “os contos de fadas oferecem imagens arquetípicas capazes de estimular a transformação interior”.

### **O papel da sombra, do desejo e da sublimação**

Nos contos de fadas, a sombra — conceito fundamental da psicologia analítica de Carl Gustav Jung — aparece com frequência através de personagens como vilões, madrastas, bruxas e monstros. Essas figuras arquetípicas condensam os aspectos da psique que o ego rejeita, reprime ou desconhece. Para Jung (1917/2000, p. 146), “a sombra representa as qualidades e impulsos que o ego nega, mas que pertencem inegavelmente ao sujeito”. Enfrentar o vilão, portanto, é enfrentar a si mesmo; é o primeiro passo rumo à individuação.

Von Franz (1990) enfatiza que a presença da sombra é essencial nos contos, pois ela força o herói a confrontar seus medos mais profundos e a transcender os impulsos inconscientes. Ela afirma



que “sem a confrontação com o mal, o processo de individuação não pode se realizar” (Von Franz 1990, p. 53). O caminhar simbólico do herói é, nesse sentido, uma metáfora do enfrentamento interno e da integração da sombra ao campo da consciência.

O desejo é outro motor narrativo essencial. Toda narrativa mítica inicia-se com um desejo: reencontrar o lar, descobrir a verdade, casar-se com o príncipe, recuperar algo perdido ou salvar alguém amado. O desejo move o sujeito e, ao mesmo tempo, o expõe a provações, perdas e riscos. Na leitura freudiana, esse trajeto do desejo representa o caminho da elaboração pulsional, em que o conflito entre princípio do prazer e princípio da realidade se desenrola simbolicamente (Freud, 1913/1996a).

A sublimação surge como uma possível resolução desse conflito. É o processo psíquico que transforma impulsos inconscientes em ações socialmente aceitas e criativas. Freud (1900/1996, p. 119) afirma que “a sublimação é uma forma elevada de canalização das pulsões, permitindo sua expressão sem recalque”. Nos contos de fadas, essa transmutação aparece na vitória final do herói, que consegue transformar dor em coragem, ódio em compaixão, medo em sabedoria.

A vitória simbólica do herói é, portanto, a realização de três grandes movimentos psíquicos: a integração da sombra, a elaboração do desejo e a sublimação das pulsões. Esse percurso, quando trabalhado na clínica, pode favorecer a elaboração de conflitos inconscientes e promover o amadurecimento subjetivo.

### **Identificações e projeções infantis**

As crianças, ao terem contato com os contos de fada, estabelecem fortes identificações com os personagens. Essas identificações não ocorrem de forma aleatória: são guiadas pelos conteúdos inconscientes que a criança busca elaborar. A princesa rejeitada, o príncipe corajoso, a madrasta cruel ou o dragão ameaçador são figuras que encarnam sentimentos internos como medo, raiva, desejo, esperança e abandono.



Freud já nos alertava que a identificação é um dos principais mecanismos de formação do ego. Para ele, “a identificação é a forma mais primitiva de laço emocional com outra pessoa” (Freud, 1913/1996a, p. 63).

Ao se identificar com heróis ou heroínas, a criança ensaia, de maneira simbólica, soluções imaginárias para seus conflitos internos (Bulfinch, 2006; Campbell, 1995; Franchini & Seganfredo, 2007). Os contos de fadas, por sua estrutura repetitiva e simbólica, proporcionam esse exercício psíquico de forma lúdica e segura (Anzini, 2025).

A repetição de temas como perda, separação, reconciliação ou provação não ocorre por acaso. Segundo Bettelheim (2002, p. 14) “essas narrativas ajudam a criança a organizar suas ansiedades mais profundas e a oferecer esperança de resolução dos conflitos”. Por isso, certos contos se tornam preferidos por determinadas crianças — são aqueles que melhor simbolizam seus dilemas inconscientes.

Ao mesmo tempo, os personagens indesejáveis — o vilão, a madrasta, a bruxa — permitem projeções. A criança projeta nesses personagens seus próprios impulsos agressivos, sentimentos de raiva ou inveja, criando uma distância segura para elaborar tais emoções. A história, portanto, funciona como um campo simbólico onde o inconsciente brinca, se expressa e se reorganiza.

Bettelheim (2004) aponta que “o conto permite à criança dividir o mundo em bons e maus, antes de poder lidar com ambivalências” (p. 45), sendo essa divisão uma etapa essencial do amadurecimento emocional, essas dinâmicas simbolicamente elaboram raízes edípicas e rivalidades fraternas.

Na prática clínica, observar com quais personagens a criança mais se identifica ou mais teme pode revelar aspectos importantes de sua dinâmica psíquica da criança. O trabalho analítico, nesse contexto, pode favorecer a integração dessas figuras projetadas e permitir que a criança reconheça nelas partes de si mesma, promovendo, assim, um desenvolvimento emocional mais saudável e elaborado.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interseção entre mitologia, contos de fadas e psicanálise revela uma riqueza simbólica incomparável. Esses elementos culturais não são apenas histórias antigas ou infantis: são linguagens do inconsciente, portadoras de significados profundos, metáforas das experiências humanas mais intensas e verdadeiras. Ao mergulhar nesses universos, tocamos as camadas mais arcaicas do psiquismo, reencontramos os dramas originários e podemos, por meio da fala e da escuta analítica, promover transformações.

Freud, Jung, Lacan e tantos outros pensadores compreenderam que o mito não é uma ilusão: é uma verdade simbólica. Ele organiza o caos interno, dá forma ao informe e possibilita ao sujeito suportar o indizível. Contos de fadas, da mesma forma, não devem ser desprezados como ficções infantis, mas valorizados como roteiros de iniciação psíquica, verdadeiros rituais simbólicos de passagem.

No contexto clínico, trabalhar com essas narrativas é abrir espaço para que o paciente se reconecte com seu próprio enredo, com seus personagens internos, com seus traumas e fantasias. É permitir que ele reescreva sua história, que ressignifique suas perdas, que encontre novos sentidos para sua existência. Como o herói que retorna da jornada transformado, o sujeito que se submete à escuta analítica pode renascer simbolicamente, mais inteiro, mais consciente de sua sombra e mais aberto ao desejo.

Deveras, mitos e contos de fadas são mais que narrativas culturais ou infantis: são linguagens do inconsciente que organizam experiências emocionais, estruturam o sujeito e oferecem caminhos para a cura simbólica. Na clínica, seu uso enriquece a escuta, amplia recursos terapêuticos e sustenta uma psicologia que respeita o imaginário do sujeito.

Portanto, que não percamos de vista o valor dos mitos, das fábulas e dos contos de fada. Afinal, neles habita uma sabedoria ancestral, uma escuta da alma, um espelho da humanidade. E na clínica, como na vida, eles continuam a nos guiar, a nos ensinar, a nos curar.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZINI, Tatiane. (Turma da Tia Tati). Psicanálise dos contos de fadas. Apostila digital. Disponível em: <http://www.turmadatiatati.com.br>. Acesso em: 2 jul. 2025.

ÁVILA, Lazslo Antonio. Psicanálise e mitologia grega. Pulsional – Revista de Psicanálise, v. XIV/ XV, n. 152/153, p. 718, 2005.

AZEVEDO, Ana Vicentini de. Mito e psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

AZEVEDO, José Antonio de. Mito, linguagem e inconsciente: uma leitura psicanalítica. Porto Alegre: Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, 2004a.

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega: volume 1. Petrópolis: Vozes, 1986.

BULFINCH, Thomas. O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis. Tradução de David Jardim. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

CAMUS, Albert. O mito de Sísifo. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2005.

DANIELS, Mark. A história da mitologia para quem tem pressa: do Olho de Hórus ao Minotauro em apenas 200 páginas!. Tradução de Heloísa Leal. Rio de Janeiro: Valentina, 2015.

FARJANI, Antonio Carlos. A linguagem dos deuses: uma iniciação à mitologia holística. 1. ed. São Paulo: Apostila do Curso de Psicanálise, 1991.



FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, Carmen. As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição grecoromana. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

FRANZ, Marie-Louise von. A interpretação dos contos de fada. Tradução de Maria Elci Spaccaquerche Barbosa. São Paulo: Paulus, 1990. (Coleção Amor e Psique)

FRANZ, Marie-Louise von. A sombra e o mal nos contos de fadas. Tradução de Maria Christina Penteadu Kujawski. São Paulo: Paulus, 1985.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 5. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1900).

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Obra original publicada em 1914).

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Obra original publicada em 1913).

HILLMAN, James. O mito da análise: três ensaios de psicologia arquetípica. Tradução de Norma Abreu Telles. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JUNG, Carl Gustav. A psicologia do inconsciente. Petrópolis: Vozes, 2000. (Obra original publicada em 1917).

LACAN, Jacques. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. (1964) Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Seminário originalmente ministrado em 1964).

LÉVI-STRAUSS, Claude. Mito e significado. Tradução de Antônio Marques Bessa. São Paulo: EPU, 1985.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Mitológicas 1: O cru e o cozido. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2004.



LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mitológicas 2: Do mel às cinzas*. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mitológicas 3: Origem dos modos à mesa*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SALIS, Viktor D. *Mitologia viva: aprendendo com os deuses a arte de viver e amar*. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

SKINNER, B. F. *O mito da liberdade*. Tradução de Leonardo Goulart e Maria Lúcia F. Goulart. 2. ed. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

SÓFOCLES. *A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona*. Tradução e introdução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. (Obra composta por volta de 429 a.C.).

SOUZA, Ana Amália Torres; ROCHA, Zeferino Jesus Barbosa. No princípio era o mythos: articulações entre mito, psicanálise e linguagem. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 14, n. 3, p. 199–206, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic>. Acesso em: 2 jul. 2025.

TAVARES, João Milton Walter. *Da mitologia grega à psicanálise: a função do herói*. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

VIANNA, Ana Cristina de Araújo. *O mito de Narciso e a psicanálise*. Porto Alegre: Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, 2014.

WINOGRAD, Monah; MENDES, Larissa da Costa. Mitos e origens na psicanálise freudiana. *Cadernos de Psicanálise – CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 27, p. 225–243, jul./dez. 2012.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

